

CAMINHAR E CHEGAR

NOTA SOBRE PEREGRINAÇÕES, TURISMO E DESENVOLVIMENTO

JOSÉ AUGUSTO MAIA MARQUES

Instituto Superior da Maia e da Câmara Municipal da Maia. Investigador do CEDTUR.
jmaiamarques@kanguru.pt

Em memória de Claude Levi-Strauss (1908-2009)¹

Resumo

Há três grandes tipos de peregrinação: a que se faz por obrigatoriedade, como é o caso de Meca, a que se faz para solicitar ou agradecer uma graça, como Fátima, ou a que se constitui num percurso que se faz pelo próprio percurso, e em que, ao contrário dos dois anteriores, o chegar é apenas um dos momentos e não «o» momento, em que fazer o caminho, caminho exterior, físico, mas também e sobretudo caminho interior, espiritual, é o verdadeiro acto central. Este, cujo exemplo mais acabado é o do Caminho de Santiago, é aquele em que a caminhada é o mais importante. Uma caminhada aberta ao que rodeia o caminhante. Aos campos, às cidades, aos monumentos, às pesoas. Por isso é este que, em termos turísticos apresenta maior valia.

Não é por acaso que o Caminho de Santiago constitui a maior receita da Galiza. E que a sua Sociedade de Gestão tem uma autonomia quase «ministerial». Muitos peregrinos ficam em albergues, mas muitos mais em casas particulares (mas legalizadas) em pequenos Hoteis (e também em grandes), fazendo as suas refeições nos milhares de restaurantes existentes ao longo dos vários «caminhos», interagindo entre si e com a população, constituindo-se num enorme peso na economia.

Um grupo de municípios, cobrindo todo o caminho português do litoral, do Porto a Valença, organizou-se e elaborou um projecto de valorização, sinalização e divulgação do Caminho que será submetido a financiamento comunitário, num esforço inédito, que conta com a colaboração da Xunta de Galicia e da S. A. de Xestión do Plano Xacobeo.

O que se pretende com este trabalho é enquadrar aqueles três grandes tipos de peregrinação numa perspetiva de desenvolvimento turístico e dar a conhecer este esforço de valorização do Caminho Português do Litoral.

¹ Este trabalho foi apresentado “em cima” da morte de Claude Levi-Strauss e daí esta dedicatória, feita aliás na altura. Figura maior do pensamento europeu do séc. XX, Levi-Strauss tinha, todavia, uma atitude de um certo desprezo em relação à viagem, ao viajante e ao explorador.

Abstract

There are three main types of pilgrimage: the one done by religious obligations, such as Mecca, the one who is made to ask for a godsend, a blessing or even a miracle, such as Fatima, and the one who is done for the pilgrimage itself, that is, the journey, the way, is the important, and unlike the previous two the important is not the moment of arrival but the way. This way is physical, but also and especially spiritual, a true inner journey. The best example of this third kind is the «Caminho de Santiago». It is a pilgrimage open to the surrounding world, to the fields, the cities, the monuments. So this is the one that, in terms of tourism, has a higher value.

It is no coincidence that the Caminho de Santiago is the largest revenue of Galicia. And its Management Company has a power almost 'ministerial'. Many pilgrims stay in hostels, but many more in private homes (but legalized) in small hotels (and also in large), making their meals in the thousands of restaurants along the different 'roads', interacting with people, becoming a huge burden on the economy.

A group of municipalities, covering all the Portuguese way by the coast, from Oporto to Valença, drafted a recovery plan that will be submitted for funding, in an unprecedented municipal effort, with the collaboration of Xunta de Galicia.

The aim of this work is to study those three main types of pilgrimage in a touristic perspective, and to reveal this effort of recovery of the Portuguese Coastal Way.

“La humanidad a necesitado su tiempo para descubrir que la Tierra era redonda pero, a partir del momento en que este hecho fue oficialmente reconocido, pudo plantearse el dar la vuelta al mundo.”

Marc Augé, Para una antropología de la movilidad

Este é um mundo onde todos viajamos, seja folheando revistas, seja fazendo zapping, seja na internet. E a viagem da humanidade, desde a sua saída de África há vários milhões de anos, até à descoberta do caminho marítimo para a Índia, desde a conquista dos polos até às viagens à Lua ou à estação espacial internacional, sempre comandou o mundo.

A vida, ela mesma, é uma viagem, mais ou menos atribulada, entre dois pontos – nascimento e morte.

Os nomes primeiros das grandes religiões foram viajantes – Abraão, Noé e Moisés no Cristianismo, Maomé no Islamismo e Buda na cultura budista são disso exemplos; até Confúcio viajou para difundir a sua palavra.

A História regista desde tempos imemoriais nomes de grandes viajantes – Gilgamesh, Alexandre Magno, Aníbal, Júlio César, Federico Barbarossa, Gengis Khan – que ampliaram o conhecimento geográfico e contactaram com povos diversos do seu, levando a um intercâmbio de bens e recursos. Com as descobertas dos grandes viajantes deixamos de pensar como únicos homens sobre a terra.

E a mesma História também não esquece os grandes exploradores – Marco Polo, Vasco da Gama, Colombo, Cabral, Magalhães, Livingstone, Capelo, Ivens, Serpa Pinto – representando um outro arquétipo da viagem, visando sobretudo a conquista política.

Assim, reflectir sobre o fenómeno da viagem é um dos aspectos fulcrais dos estudos sobre Turismo.

Mas hoje, e aqui, interessamo-nos por um tipo específico de viagem – a peregrinação – cujas características e fronteiras são cada vez mais difusas, sobretudo se as quisermos ancorar ao designado Turismo religioso.

Os estudos antropológicos sobre o fenómeno das peregrinações podem ser agrupados em três grandes correntes.

Na primeira predomina o modelo funcionalista, que tende a interpretá-lo com as ferramentas teóricas e metodológicas construídas a partir da tradição dominante na disciplina, essencialmente voltada para os estudos de comunidades e de sociedades não ocidentais de pequena escala.

A segunda, que poderíamos designar como de carácter “performático”, apresenta-se em ruptura com o funcionalismo, propondo um outro paradigma de análise que encontra nos trabalhos de Victor Turner² a sua formulação mais importante.

A terceira corrente interpretativa tem o seu ponto alto na publicação da colectânea «Contesting the sacred» em 1991³, que marcou um novo caminho para os estudos da peregrinação no período pós-turner.

Assim, desde há três décadas que se tem produzido uma nova «leva» de trabalhos de mérito na área da Antropologia do Turismo.

São já várias dezenas as obras que podemos qualificar de excelentes e várias as que podemos considerar incontornáveis, sendo que algumas merecem destaque para o tema desta intervenção.

No princípio foram os trabalhos de Dean MacCannel⁴, que chamou a atenção para o facto de o turismo moderno poder ser visto como uma continuação das peregrinações tradicionais, e de Erik Cohen⁵ que faz notar a experiência do distanciamento do quotidiano como sendo um elemento comum à peregrinação e ao turismo, que despoletaram a discussão e reflexão sobre o tema.

² É o caso, por exemplo de TURNER, Victor. “Pilgrimages as social processes”, in *Dramas, Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*, Ithaca New York: Cornell University Press 1975 e de TURNER, Victor; TURNER, Edith. *Image and pilgrimage in Christian culture*. Oxford: Basil Blackwell, 1978.

³ EADE, John e SALLNOW, Michael (eds). *Contesting the Sacred: The Anthropology of Christian Pilgrimage*, London: Routledge / University of Illinois Press, 1991.

⁴ MACCANNEL, Dean. *The tourist: a new theory of leisure class*. New York: Schocken Books, 1976.

⁵ COHEN, Erik. “A Phenomenology of Tourist Experiences”. *Sociology*, Vol. 13, No. 2, 179-201 (1979)

Depois seguem-se muitas monografias e colectâneas de grande interesse, como é o caso, entre muitos outros, de «*Contesting the sacred – The anthropology of christian pilgrimage*», já citado, de «*On Pilgrimage: Sacred Journeys Around the World*»⁶ reflexão na perspectiva do peregrino e dos locais de peregrinação, de «*Intersecting Journeys – The Anthropology of Pilgrimage and Tourism*»⁷, ou de «*Reframing Pilgrimage: Cultures in Motion*»⁸, colectâneas importantíssimas e bem mais recentes, e ainda do curioso e interessante (para mim fundamental para se perceber o que está em discussão) «*Sacred Travels: Recovering the Ancient Practice of Pilgrimage*»⁹.

E não cito aqui, seria por demais fastidioso fazê-lo, as dezenas de capítulos de livros e de artigos relevantes dispersos por inúmeras publicações.

Também no Brasil se reflecte muito sobre o tema, em parte por virtude da importância que tem naquele país o Caminho de Santiago¹⁰, em parte pela existência de diversos caminhos de peregrinação.

Por exemplo Carlos Alberto Steil¹¹ e Sandra Sá Carneiro¹², que até têm trabalhos em comum¹³, são fundamentais.

E até entre nós as coisas começam a mexer. Veja-se, por exemplo, um artigo que publiquei em 2003¹⁴, também o trabalho excelente de Pedro Pereira¹⁵ sobre as peregrinações a Fátima, ou até algumas abordagens feitas no IV Congresso da

⁶ WESTWOOD, Jenifer. *On Pilgrimage: Sacred Journeys Around the World*. New Jersey: Hidden Spring, 2003.

⁷ BADONE, Ellen e ROSEMAN, SharonR. (eds). *Intersecting Journeys – The Anthropology of Pilgrimage and Tourism*. Chicago: University of Illinois Press, 2004.

⁸ COLEMAN, Simon e EADE, John (eds). *Reframing Pilgrimage: Cultures in Motion*. London and New York: Routledge, 2004 (EASA Series), 1-25.

⁹ GEORGE, Christian T. *Sacred Travels: Recovering the Ancient Practice of Pilgrimage*. Nottingham: Inter-Varsity Press Books, 2007

¹⁰ Não esqueçamos o estrodoso sucesso de Paulo Coelho e do seu *Diário de um Mago* (1987). Paulo Coelho fez, nove anos depois daquele livro, uma nova peregrinação pelo Caminho de Santiago de mais de 90 dias de que dá conta no seu blog <http://br.paulocoelhoblog.com/>

¹¹ Ver por exemplo deste autor *O sertão das romarias. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, BA*. Petrópolis: Vozes, 1996 e “Peregrinação, Romaria e Turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações sociológicas”. In: ABUMANSUR, Edin Sued (org.) *Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus, 2003.

¹² Importante a sua dissertação de doutoramento intitulada *Rumo a Santiago de Compostela: os sentidos de uma moderna peregrinação*. Tese de Doutorado em Ciências Humanas (Antropologia Cultural), PPGSA/IFCS/UFRRJ, Rio de Janeiro, 2003, bem como o trabalho “Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo”, *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.71-100, outubro de 2004

¹³ Como é o caso de “Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil”, in *Religião e Sociedade*, vol.28 no.1 Rio de Janeiro Julho de 2008.

¹⁴ MARQUES, José Augusto Maia. “Os Caminhos de Santiago ou a segunda Europa”, in *D. Jaime – Cadernos de Cultura*, Nº3. Tondela: Câmara Municipal.

¹⁵ PEREIRA, Pedro. *Peregrinos*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

Associação Portuguesa de Antropologia que teve lugar de 9 a 11 de Setembro de 2009 em Lisboa.

Não falta portanto material para se construir um sólido capítulo sobre o «estado da arte» no que respeita à Antropologia do Turismo, das Viagens e das Peregrinações, mas concordarão comigo que não é o momento nem o lugar para o fazer, já que é outro o espírito deste evento.

Adiante, portanto.

Preâmbulo – um pouco de história

A peregrinação é uma das mais antigas tradições religiosas da humanidade. Tanto no contexto das antigas civilizações, como no seio das sociedades modernas, podemos observar um movimento contínuo de peregrinos que se deslocam dos seus lugares de origem em busca de uma experiência que lhes permita transcender o seu quotidiano e encontrar-se com forças místicas ou reviver simbolicamente, mesmo que seja por alguns momentos, a utopia de uma comunhão com as suas divindades ou com os seus semelhantes¹⁶.

As peregrinações cristãs terão as suas raízes na antiga tradição das jornadas para a Terra Santa, que provavelmente começou nos primeiros séculos da nossa era¹⁷.

Como tem sido demonstrado por vários autores, a história do cristianismo no Ocidente é indissociável das peregrinações, especialmente após o século quarto, quando é introduzido o culto às relíquias dos mártires e santos¹⁸. No entanto esta tradição, em todos os lugares onde se implantou, acabou por misturar-se com os costumes e aspectos locais, conformando a cultura e reconfigurando diferentes sistemas de valores.



Fig 1. Peregrinos a Canterbury

¹⁶ Veja-se TURNER, Victor; TURNER, Edith. *Op. Cit.*

¹⁷ Segundo NOLAN, Mary Lee & NOLAN, Sidney. *Christian pilgrimage in Modern Western Europe*. London: Chapel Hill/The University of North Carolina Press, 1989.

¹⁸ Vejam-se, entre outros, os seguintes trabalhos: JENKINS, Claude. "Christian pilgrimages, A.D. 500-800". In: NEWTON, A.P. *Travel and travelers of the Middle Age*. New York: Alfred A. Knopf, 1950, pp. 39-69. BROWN, Peter. *The cult of the saints*. Chicago: University of Chicago Press, 1981. HUNT, E.D. *Holy land pilgrimage in the Later Roman Empire, A.D. 312-460*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

Os estudiosos do tema têm verificado que, longe de se constituírem num elemento do passado ou numa “sobrevivência” cultural, as peregrinações apresentam-se como um fenómeno perfeitamente actual que se redefine continuamente a partir da sua



Fig 2. Peregrinação a Meca

relação com as mudanças sócio-económicas, as transformações tecnológicas e mesmo as novas orientações intelectuais. As peregrinações acompanham assim os dramas históricos e os processos sociais pelos quais passa a sociedade.

Ora tenho para mim que há hoje três grandes tipos de peregrinação: a que se faz por obrigatoriedade, como é o caso de Meca, a que se faz para solicitar ou agradecer uma graça, como Fátima, ou a que se constitui num percurso que se faz pelo próprio percurso, e em que, ao contrário dos dois anteriores, o chegar é apenas um dos momentos e não «o» momento, em que fazer o caminho, caminho exterior, físico, mas também e sobretudo caminho interior, espiritual, é o verdadeiro acto central.

No primeiro caso as pessoas são metidas num meio de transporte e despejadas no local de peregrinação; finda a cerimónia são novamente empurradas para o meio de transporte e rapidamente somem do local. Sabe-se lá porquê (sabe-se



Fig 3. Peregrino a Compostela

mas não interessa para aqui) as grandes companhias aéreas, por exemplo, declinam normalmente a oportunidade desses transportes e os hotéis não rejubilam com estas peregrinações.

No segundo, trata-se de chegar o mais rapidamente possível, sem sequer olhar para o lado. O percurso é sacrifício. Não há paisagem, não há monumentos, não há gentes, há apenas estrada. A estadia é célere, as refeições incertas. Quantas vezes ambas são «clandestinas». Lucram alguns hotéis, nos picos da peregrinação. Lucram alguns restaurantes, sobretudo ao fim de semana com os passeios. Sempre, ou quase sempre, lucram os vendedores de «souvenirs». E mesmo esses já se queixam.

Finalmente o terceiro, cujo exemplo mais acabado é o do Caminho de Santiago, é aquele em que a caminhada é

o mais importante. Aquele em que se fazem duas caminhadas em simultâneo, a exterior e a interior. Aquele em que o motivo da peregrinação é não só o encontro dos outros, dos outros, mas também o reencontro de si mesmo. A caminhada física é aberta ao que rodeia o caminhante. Aos campos, às cidades, aos monumentos, às pessoas. Por isso este, em termos de turismo religioso sustentado apresenta grande valia.

Repare-se aliás que o organismo oficial de peregrinações do Vaticano, a Opera Romana Pellegrinaggi, oferece, através do JOSP – Journeys of the spirit, entre muitos outros destinos, e para além do Caminho de Santiago, dois outros caminhos de peregrinação, ambos “invenções” recentes – A «Via di Roma» ou «Via Francigena» de Roma a Assis, em 14 etapas totalmente a pé, e a «Terra Santa, messaggeri di pace», em cinco etapas parcialmente a pé. Quer um quer outro são versões modernas do Caminho Jacobeu.

Mas o que é que fará com que alguém como eu venha imiscuir-se neste campo pleno de especialistas em Turismo, metendo, uma vez mais, foice em seara alheia?

Justifico a minha ousadia citando Marc Augé, num interessantíssimo trabalho intitulado «Por una antropología de la movilidad»¹⁹. Escreve ele: “Ao contrário do turista moderno, que é um consumidor que se crê um viajante, o etnólogo²⁰ é um sedentário que se vê obrigado a viajar: o turista espera que cheguem as férias para partir em viagem, enquanto que o etnólogo sabe que a sua experiência de estadia, por maior que seja, só adquirirá sentido no regresso, no momento em que a transmite aos outros. [...] Para o etnólogo tudo é objecto de observação, incluindo as emoções que sente o turista que encontra no terreno, emoções que se calhar ele também compartilha.”

Eis a razão de estar aqui.

Mas adiante que o tempo é pouco.

Turismo Religioso

O Padre Josep-Enric Parellada, Director do Departamento de Pastoral de Turismo, Santuários e Peregrinações da Conferência Episcopal Espanhola, elaborou um texto para apresentar nas Jornadas da Pastoral do Turismo, a realizar em Ávila na próxima semana, mas já disponível²¹, intitulado «El turismo religioso – sus perfiles». É um texto notável e um documento de trabalho excelente.

A determinada altura o autor dá-nos uma definição de turismo religioso: “Por turismo religioso compreende-se aquele tipo de turismo que tem como motivações a visita a locais sagrados (santuários, conventos, mosteiros, igrejas, ermidas, capelas,

¹⁹ AUGÉ, Marc. *Por una antropología de la movilidad*. Barcelona: Gedisa, 2007, pp. 70-71.

²⁰ Aqui no sentido francês do termo, bem mais perto do de antropólogo na terminologia dos autores anglo-saxões.

²¹ Veja-se <http://www.conferenciaepiscopal.es/pastoral/turismo.htm>



Fig 4. Peregrinação a St.Hellier – Jersey

catedrais, ...) ou a participação em festas religiosas (Semana Santa em Sevilha, por exemplo, ...) para descobrir o “*genius loci*”²², ou seja, a essência religiosa, a mensagem transmitida, pela beleza histórica e artística. Isto não exclui, e até inclui muitas vezes, a oração e a celebração dos sacramentos.”

O acento tónico cai assim no sujeito que viaja e nos motivos que o levam a

realizar a viagem, seja ela curta ou longa.

Desta definição, e do trabalho em si mesmo, resulta uma tripla tipologia de locais com atractivos para o turismo religioso:

- Em primeiro lugar os santuários de peregrinação;
- Depois em segundo lugar os espaços religiosos possuindo um património cultural, histórico e artístico significativo;
- E por último as grandes reuniões de grupos religiosos e celebrações também de carácter religioso.

Interessa-nos, para o caso presente, o primeiro tipo. Aquele que envolve o acto de peregrinar, sob qualquer forma.

Peregrinos e peregrinações

Continuando a utilizar o referido trabalho do Padre Parellada, verificamos que sobre o que ele chama a «estrutura interna da peregrinação» considera alguns aspectos fundamentais:

- Têm de existir motivos que levem a sair do local de residência. Podem estar relacionados com uma necessidade interior, com o cumprimento de um desígnio, com a vontade de vivenciar uma experiência diferente. Podem ter a ver com um pedido de graça, de perdão, com o cumprimento de um voto, a participação numa festividade religiosa marcante.
- Tem de haver um caminho a percorrer. E esse caminho não tem necessariamente de ser feito de a pé. É que os peregrinos de tempos remotos muitas vezes peregrinavam a pé porque não tinham outro modo de o fazer por inexistência de outros meios, primeiro, e por motivos económicos, depois. Um cavalo era um animal muito caro e de sustento.

Hoje, e até por opção saudável, caminhar volta a estar na moda. Pelas ruas, nos parques, à beira-mar, são centenas as pessoas que encontraremos se também

²² Em latim no original.

o fizermos. Significa isto que o conceito de «andar» não tem hoje o peso «sacrificial» que tinha ontem, embora dependa do modo como se faz, tal como aludiremos adiante.

Sendo assim, como refere o Padre Parellada, na nossa sociedade, no nosso contexto cultural, tão peregrino será o que vai a pé a Santiago como o que se desloca de avião a Roma ou Jerusalém.

O peregrino é sempre um homem do seu tempo e como tal deve peregrinar com os meios do seu tempo.

O caminho físico da peregrinação está já normalmente delineado e traçado. Mas o caminho espaço-tempo e o caminho de encontro interior serão certamente os mais férteis e mais reveladores da identidade própria do peregrino.

– Outro aspecto importante é o do encontro no lugar santo. O contacto com o sagrado constituirá o culminar da experiência. Numa perspectiva católica, que é a do Padre Perellada e também a minha, o contacto com o divino é o reconhecer da sua onnipotência e o admitir de sermos suas criaturas.

Divergirão os que não professam a mesma fé, ou os que não acreditam. Claro. Mas não conheço ninguém, de qualquer opção religiosa ou sem nenhuma, que não tenha ficado profundamente marcado ao fazer o caminho de Santiago. Não conheço ninguém que tenha ficado indiferente ao avistamento das torres da Catedral, sobretudo quando as lobrica de cima do Monte do Gozo.

Mas adiante que o local é de ciência e não de fé.

- Muito significativo, e tantas vezes ignorado em termos de estudo, é o regresso ao lugar de origem. A peregrinação em si mesma não acaba no momento em que chegamos ao destino. O dia de chegada é apenas, como dizia o refrão da canção, «o primeiro dia do resto das nossas vidas». Toda a peregrinação supõe uma mudança. Nada fica na mesma. A segunda etapa começa então.



Fig 5. Peregrinação a St. Sulpice de Favières

Peregrinações e economia

Na citada reunião de Ávila participará também o Prof. D. Rafael Esteve Secall, da Universidade de Málaga. A sua conferência, intitulada «Turismo y Religión. Aproximación histórica y evaluación del impacto económico del turismo religioso», toca num outro tema cada vez mais importante sobretudo a nível local e regional – a influência que na economia pode ter o turismo religioso.

Este aspecto não é de hoje, bem pelo contrário.

Temos um exemplo que nos passa quase aqui à porta do local onde estamos. O caminho de Santiago. Como eu próprio já escrevi há algum tempo, o Caminho foi símbolo da Reconquista, motor de desenvolvimento económico e social após



Fig 6. Catedral de León

o Caminho. Aparecem povoações de emigrantes. Trava-se um intercâmbio cultural sem precedentes.

Mas ainda hoje, e sobretudo num futuro próximo, no aspecto do desenvolvimento o Caminho continuará a ser, e será cada vez mais importante.

Basta atentar, por exemplo, na criação, pela Xunta de Galicia, da Sociedad Anonima de Xestión do Plan Xacobeo, que de início estava muito sob a esfera da Cultura, mas que hoje se filia na Consellaría de Innovación e Industria.

Mas não esqueçamos também o plano cultural. Porque o plano cultural é também cada vez mais influente na economia. O que se faz por esse mundo fora, sob o «chapéu» do caminho. Não estão já anunciados, para 2010, dezenas de festivais, concertos, exposições, intervenções, livros, filmes, documentários, tudo isto tendo por centro ou por pretexto o caminho? E quantas estruturas foram já e vão ser ainda arquitectonicamente rehabilitadas e postas ao serviço da cultura?

Mas voltando à economia actual, eis alguns números impressionantes fornecidos por aquele professor universitário.

Santuário de Lourdes:

Segundo os dados mais recentes, correspondentes a 2008, o orçamento ascende a 30 milhões de €; tem 292 funcionários permanentes e 120 temporários. Estima-se que tenha 6.000.000 de visitantes, a grande maioria de um dia apenas. Mesmo assim há contas fáceis de fazer: Se considerarmos os dados das estadias médias os peregrinos estatisticamente comprovados, chegamos a um valor entre 3 e 3,5 milhões de dormidas por ano. E definindo como custo médio de 100 € para a pensão completa chegaremos a uma cifra anual de 300 a 350 milhões de euros. E se para o resto dos visitantes estimarmos que 10% pernoita em Lourdes ou

o fim do mundo Romano, foi a segunda Europa, depois da do Império de Roma. E depois dele vieram já várias outras europas que soçobraram, como a de Carlos Magno, de Carlos V, de Napoleão ou de Hitler, mas o Caminho sobreviveu, manteve-se e desenvolveu-se. Isto quer dizer muita coisa !!!

O Caminho foi sempre futor de enorme progresso e desenvolvimento que sem ele não existiria. Graças a ele, e para permitir calcorreá-lo, foram construídas pontes, estradas, mosteiros, igrejas, albergues e hospitais. Surgiram novas cidades. Cidades como Léon (1017), Burgos (1073), Nájera (1076), Logroño (1090), Pamplona (1129) e, claro, Santiago de Compostela, não o seriam sem

arredores, ou seja, meio milhão de dormidas, aplicando um valor médio de 175 € obteremos mais 90 milhões de euros.

A estes valores devem ser adicionados os gastos que fazem os peregrinos com «souvenirs», muito difíceis de avaliar, mais as despesas de viagem que nem levamos em conta. Não será exagero dizer que cada um dos seis milhões de peregrinos que vêm a Lourdes anualmente gastem 10€ em lembranças. Seriam mais 60 milhões de euros gerados pelo Santuário. Pode por isso estimar-se que o Santuário de Lourdes gera entre 400 e 500 milhões de euros em anos normais.

Santuário de Fátima:

O Santuário de Fátima recebe uma média de 5 milhões de visitantes anuais. O tempo de permanência média é de 2 dias, o que a um custo médio estimado de 60 € por dia representa uma cifra de valor gerado de mais de 600 milhões de euros anuais. Fora as receitas geradas pela venda de recordações, por exemplo.

Caminho de Santiago na Galiza

Cento e catorze mil peregrinos inscritos (números de 2007) com um custo médio diário de 20€ e 7 dias em média o que, só à conta das peregrinações organizadas representa 16 milhões de euros.

45% dos turistas que visitam a Galiza estão relacionados com o Caminho de Santiago. Um custo médio diário de 100€, uma permanência média de 7 dias a meio milhão de turistas significa cerca de 350 milhões de euros.

A estes valores devem ser adicionados os excursionistas, que não pernoitam, cujo número é de cerca de 1,7 milhões. Aplicando um valor médio de 50 € por viagem chegamos mais 85 milhões de euros extra.

No total, estima-se que o Caminho de Santiago gere anualmente entre 450 e 500 milhões de euros só na Galiza e em anos normais. 2010, sendo Ano Santo Jacobeu, fará elevar em muito esta cifra.

Repare-se que para abordarmos, ainda que por alto, esta questão do impacto económico, demos aqui três exemplos numéricos de Turismo Religioso «puro», conceito algo difícil de precisar, que encaramos na perspectiva anteriormente descrita. Mas aproveitando os ensinamentos do Prof. Rafael Esteve, lembremos outras vertentes não negligenciáveis que contribuem igualmente para esse impacto.

Haverá que entrar igualmente em linha de conta com outras tipologias intermédias, como o turismo cultural-religioso, que supõe visitar e desfrutar do património histórico-artístico ou imaterial de cariz religioso – igrejas, capelas, museus de arte sacra, concertos de música sacra, etc.



Fig 7. Peregrinos a Santiago, próximo de Sto. Domingo de Silos

Também terá que se considerar o turismo ecologico-espiritual, como as viagens e peregrinações a lugares que embora tenham uma matriz sacra, são aproveitadas pelo viajante para contemplação de paisagens, ambientes, para serem imbuídos por uma espécie de espiritualidade difícil de definir mas quase impossível de negar.

E já agora, não esqueçamos o turismo do espectáculo religioso, que pressupõe a assistência a manifestações de religiosidade, normalmente populares, como festas, romarias, períodos religiosos especiais como a semana santa, em que acontece muitas vezes que enquanto parte dos assistentes estão ali por expressão de fé, outros estarão por razões mais prosaicas, inclusive o antropólogo ou o etnólogo fazendo o seu trabalho de campo.

Um caso prático

Os Caminhos de Santiago, verdadeira rede capilar do velho continente, constituem provavelmente a maior referência cultural europeia, que lhe valeu a declaração, em 1987, pelo Conselho da Europa, como o primeiro “Itinerário Cultural Europeu”, e pela Unesco, em 1993, como “Património da Humanidade”.

O caminho, enquanto tal, nasceu, e renasceu, em épocas muito marcadas por problemas, dificuldades, complicações.

Não deixa de ser curioso que seja de novo, nos tempos que correm, um fenómeno mediático que suscita o interesse de milhares de peregrinos e simples curiosos que, movidos pela fé e pelo simples entusiasmo, se lançam na aventura de percorrer estes caminhos de fé e cultura em direcção à casa do apóstolo na Galiza.

Segundo estatísticas oficiais, em 2005 chegaram a Santiago de Compostela (registos da Oficina do Peregrino) 93.924 peregrinos, em 2006 já foram 100.377 e, só na Semana Santa de 2007 (2 a 8 de Abril), houve um total de 2.836 peregrinos. Destes, 409 percorreram o Caminho Português.

Por outro lado o Caminho representa um factor não negligenciável no desenvolvimento regional e local.

Aliás basta atentar, por exemplo, na criação, pela Xunta de Galicia, da Sociedade Anónima de Xestión do Plan Xacobeo, e da sua filiação à Consellaría de Innovación e Industria para perceber essa importância.

Ou numa notícia publicada em 12 de Março de 2008 na Galiza que nos dizia que o Caminho Francês representa cerca de 30% das receitas dos locais por onde passa.

Ou numa outra, dada à estampa em 14 de Janeiro de 2009 que mostra o que de importante irá ser feito nos próximos dois anos, e que a Sociedade de Xestión do Plan Xacobeo, anunciou um investimento de 140 milhões de euros em projectos estratégicos, esperando captar dez milhões de turistas para o próximo Ano Santo.

Eis algumas dessas medidas estratégicas:

Delimitação e protecção do caminho, fixação dos seus traçados primitivos, para inclusão na classificação de Património da Humanidade e inventário do património do caminho – 2,5 milhões de euros/ano – a concluir em 2008.

Restauro de bens culturais – dez milhões de euros – foram intervencionadas em 2006 e 2007 as igrejas de Samos, Santa Maria do Cebreiro, Vilar de Donas, Gontán, Portomarin e S. Paio de Antealtares. Em 2008 foi a vez das Palhoças do Cebreiro e das igrejas de Cancelo, Santalla e Triacastela.

Reabilitação e infraestruturação – quase cinquenta milhões de euros.

Promoção – mais de um milhão de euros por ano, a reforçar em 2009 e 2010.

Internacionalização – prioridade às acções de divulgação nos locais que originam mais peregrinos – Alemanha, França, Itália, Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Brasil e México.

Concretização do Plano Director da Catedral de Santiago de Compostela bem como o restauro do pórtico da glória e o da capela-mor isto ao lado da reorganização dos museus catedralícios, tudo promovido pela Fundação Barrié de la Maza e a Dirección Xeral do Patrimonio²³.

Será preciso dizer mais para termos a certeza que o Caminho de Santiago é o caminho do futuro para a economia galega?

Mas não podemos também esquecer o plano cultural. O que se faz por esse mundo fora, sob o «chapéu» do caminho. Não estão já anunciados, até 2010, centenas de festivais, concertos, exposições, intervenções, livros, filmes, documentários, tudo isto tendo por centro ou por pretexto o caminho? E quantas estruturas vão ser arquitectonicamente reabilitadas e postas ao serviço da cultura?

Por isso, um grupo de municípios, cobrindo todo o caminho português do litoral, do Porto a Valença, organizou-se para a elaboração de um projecto de valorização, sinalização e divulgação do Caminho que será submetido a financiamento comunitário, num esforço inédito, que conta com a colaboração da Xunta de Galicia e da S. A. de Xestión do Plano Xacobeo.

O primeiro problema foi o da correcção de anomalias existentes e a definição do traçado «definitivo» do Caminho do Litoral.

A nossa intenção foi a de uma maior segurança e comodidade para o peregrino, aliada à beleza dos locais e à maior proximidade do traçado tradicional, muitas vezes hoje impossível de utilizar.

Seguimos aliás os princípios de Castilla y León e da Galiza neste domínio. Ao contrário de outras organizações «pintadoras de setas amarelas», não pretendemos torcer o caminho para ele passar mais perto das nossas casas de turismo de habitação e hotéis ou dos nossos estabelecimentos comerciais.



Fig 8. Pintando setas no Caminho

²³ Sobre projectos, propostas e notícias a propósito do Xacobeo e do próximo Ano Santo veja-se a revista *Xacobeo noticas* da S.A. de Xestión do Plan Xacobeo que saiu pelo menos até inícios de 2009.

Foi apresentada uma proposta de estrutura comum do projecto intermunicipal:

Levantamento e identificação dos caminhos nos Municípios e património na envolvente; Definição dos traçados nos Municípios; Sinalização dos traçados nos Municípios; Colocação de painéis informativos em locais estratégicos do traçado, com os principais pontos de interesse cultural e turístico que se localizem à margem do caminho; Criação de uma Rede de Apoio ao Peregrino; Publicação de carácter científico; Publicação juvenil; Brochura/folhetos informativos; Guia do peregrino; Certificação; Homologação; Carimbo; Exposição itinerante; Suportes multimédia CD e DVD; Criação de website; Merchandising.

Para além da definição do itinerário, cada Câmara Municipal contribuiu para a elaboração dos dossiês colectivos, a saber – Divulgação; Exposição; Reconstituição Histórica; Sinalética, Produção de conteúdos; Tradução; Acções efectivas de cada município. Foram elaborados documentos normativos para a Sinalética, definindo tipo de painéis (informativos, explicativos, interpretativos, direccionais), modelos a adoptar, materiais a adoptar para os suportes considerando o vandalismo, as novas tecnologias, etc), bem como de apresentação cartográfica. A contribuição de cada município versava: História; Iconografia e devoções; Ambiente; Vertentes turísticas (gastronomia, onde ficar, o que visitar, o que comprar); Criação de nós de ligação entre percursos; Dossiê sobre cartografia do caminho (à escala 1.25.000 dos traçados propostos dos caminhos no respectivo concelho e nós de ligação); Dossiê sobre acções específicas do município (limpeza de caminho, construção de apoio, centro interpretativo, albergue, ponte, passadiço, barca de passagem, etc); Sinalética direcciona e informativa (levantamento do número de painéis informativos e placas direccionais).



Fig 9. Imagem antiga da Barca de Passagem

Alguns municípios apresentam acções mais tradicionais, como os postos de informação ou um albergue, mas outros, como Esposende, vão mais longe, como é o caso da construção de uma barca, cópia fiel da do início do século XX, de que se conhece o projecto, reatando assim este curioso meio de atravessamento que ainda hoje dá o nome ao local – Barca do Lago.

Elaborados os dossiers, procede-se à sua articulação num único processo, com vista à apresentação final aos vereadores das Câmaras aderentes e a uma reunião com a CCDDR-N e com os parceiros galegos.

Como dizia o romano, *Alea, jacta est*.

Claro que no meio de todos estes interesses – económicos, culturais, de desenvolvimento – não podemos esquecer a outra face, aquela que criou o caminho, que o justificou, justifica e justificará – a espiritual.

Como já escrevi²⁴, o Caminho de Santiago é busca e encontro, é interrogação e resposta, é preocupação e esperança, é luz e espírito. E é também, e sobretudo, inclusivo, sem preocupação de raças nem grupos nem credos. É um caminho ecuménico, espiritual. É um caminho da universalidade e do encontro. É um caminho que nos leva a um horizonte no meio da bruma das nossas incertezas. E que neste mundo materialista nos faz lembrar de nós como espírito, deixando para trás, ao menos por alguns dias o aspecto material.

Mas isso são contas de outro rosário...

Deixem-me terminar com uma espécie de pequena homenagem ao meu saudoso Mestre e Amigo Prof. Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

Escrevia ele num artigo a propósito do Caminho:

«Um caminho, qualquer que seja a forma com que se apresenta, seja uma pequena calçada ao serviço de um campo ou um escavacado acesso a um monte, desde um «caminho da missa» ou «da feira» até a um «carreiro da fonte», desde um caminho concelhio ou uma «estrada real» à recente auto-estrada, é sempre, na sua circunstância, um rico testemunho de civilização»²⁵.

E mesmo no fim uma citação do nosso Miguel Torga²⁶, insuspeito quanto a este aspecto, de que o Prof. Carlos Alberto gostava particularmente e que várias vezes lhe ouvi referir:

«E o peregrino vem.
Reza devotamente,
Põe no altar o que tem,
E regressa mais livre e mais contente...
Assim faço também!»

Obrigado.

²⁴ “Caminhos de Santiago, caminhos do futuro” in *Actas das II Jornadas de Património de Belmonte – Caminhos da Fé*. Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte, 2009.

²⁵ “Caminhos Medievais no Norte de Portugal” in *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago – Itinerários Portugueses*. S/l: Xunta de Galicia/Centro de Artes Tradicionais, 1995.

²⁶ Trata-se da parte final do poema “Federico Garcia Lorca”, inserido no livro *Poemas Ibéricos* publicado em 1965.

